

de astúcia e de loucura) que os feiticeiros alcançam torna-os em certas tribos personagens consideráveis, colocando-os em pé de igualdade com os magistrados ou os chefes.<sup>20</sup>

As mulheres mesmo exercem às vezes esse sacerdócio mágico. Sua organização nervosa, mais facilmente excitável, as torna mais apropriadas ao ofício de adivinhas e de feiticeiras. Elas entram com mais facilidade nesse delírio fatídico impellido algumas vezes até ao furor e que se tem pelo mais alto grau da inspiração. Os germanos<sup>21</sup> e os celtas<sup>22</sup> tinham semelhantes profetisas, a que circundava a veneração pública e cujos avisos eram escutados mesmo por guerreiros os mais experimentados; os homens do norte as chamam **Allunar** ou **Aliorumnes**, **Volur** ou **Spakonur**. Elas se encontram também entre os primeiros árabes, na história dos quais elas têm várias vezes representado um papel.<sup>23</sup>

Mas por maior que tenha sido o ascendente obtido pelos sacerdotes mágicos sobre a imaginação dos povos primitivos, essa confiança excessiva não possui menos suas reviravoltas. Se as conjurações não fazem efeito, se a ciência mágica está em erro, a indignação dos selvagens contra os feiticeiros ou os **chamans** chega freqüentemente até à cólera e põe a vida desses em perigo.<sup>24</sup> Habitados a esses erros de cálculo, os mágicos suportam com sangue-frio ou resignação os ultrajes que lhes são feitos, sabendo que passado o primeiro momento de irritação, a superstição renascerá forçosamente neles. O **kalmouk** bate, fere ou calca aos pés o ídolo que não atendeu seus votos, mas

20 — Ver, sobre a influência que esses feiticeiros exerciam entre as tribos da América do Norte, H.-R. Schollcraft, **Historical and statistical informations respecting the history, condition and prospects of the Indian tribes of the United States**, tomo III, p. 488 e seguinte; e sobre a dos **guieultabés**, Raffeneil, o.c., p. 84.

21 — Tacit., **De Mor. German.**, 8. — Dion. Cass., LXVII, p. 761.

22 — Pompon. Mel., **De Sit. orbis**, III, 6. Ver minha dissertação intitulada **As Fadas da Idade Média**, p. 20 e seguinte.

23 — Ver, para um exemplo, Caussin de Perceval, **Ensaio sobre a história dos Árabes antes do islamismo**, tomo III, p. 353.

24 — Os **tchouktchis** maltratam muito freqüentemente seus **chamans**, mas esses permanecem inflexíveis. (Wrangell, **O Norte da Sibéria**, trad. francesa, tomo I, p. 265, 266).

no dia seguinte é a ele ainda que implora com medo ou esperança.<sup>25</sup>

Tal é o painel que nos traçam os viajantes do sacerdócio dos povos selvagens; pode nos fazer julgar o que eram outrora os ministros divinos, no lugar onde, desde então, uma religião mais esclarecida substituiu ingênuas superstições.

Entre todos se encontram práticas análogas. É primeiramente o emprego das plantas medicinais ou de drogas naturais destinadas a provocar as alucinações e os sonhos nos quais a imaginação acredita ver os espíritos e os seres fantásticos cujo medo a obsessiona; pois, assim como o observava Plínio, já há dezoito séculos, a medicina popular tem sido o ponto de partida da magia<sup>26</sup>. Os **iniangas** dos **Cafres amazulus** exercem sobretudo a medicina mágica.<sup>27</sup> Os pajés da Amazônia passam por ter um grande poder no emprego das encantações contra as doenças e as dores de toda espécie. Os feiticeiros das tribos indígenas da América do Norte se faziam notar por um conhecimento bastante aprofundado da virtude dos medicamentos;<sup>28</sup> eles os administravam não somente a fim de produzir um delírio fictício, mas ainda para operar a cura das doenças ou dos ferimentos,<sup>29</sup> Essas curas eram atribuídas à influência dos **manitous**. O índio não ia jamais à guerra sem levar com ele os sortilégios e as composições, obra dos feiticeiros, num saco que nossos primeiros colonos chamavam o saco de medicina. O tártaro transporta igualmente com ele, suspensos à entrada

25 — P. de Tchihatchef, **Viagem Científica ao Atiaí Oriental**, p. 45, 46.

26 — Natam (magiam) primum e medicina nemo dubitat, ac specie salutari irrepsisse velut altiore sanctorumque medicinam; ita blandissimis desideratissimisque promissis addidisse vires religionis ad quas maxime etiamnum caligat humanum genus. (Hist. nat., XXX, I.)

27 — Ad. Delegorgue, **Viagem pela África Meridional**, tomo II, p. 246.

28 — Schoolcraft, o.c., tomo III, p. 488.

29 — Os pajés curam as chagas e os ferimentos aplicando ali violentos golpes e assoprando em cima. (A. Wallace, **Travel on the Amazon and the Rio-Negro**, p. 499). Os **piaches**, nas regiões transalaganenses, administram poções particulares para dar coragem, **war-physics**. (Humboldt, **Viagem às regiões equinoxiais**, I.c.)